

O desemprego docente

18-Oct-2007

TEXTO DE MANUEL GRILO - Professor do 1.º ciclo, dirigente sindical no SPGL e na FENPROF

OS NÚMEROS

do desemprego entre os professores e educadores nunca são fáceis de encontrar. Sabe isto o Ministério da Educação

e sabem-no os sindicatos. Mas há alguns em que todos concordam.

Vamos a eles:

Este ano lectivo o sistema educativo tem menos 13000 docentes que o anterior. Este é um dado iniludável.

O Ministério da Educação fez um verdadeiro despedimento colectivo de 13000 docentes, como escreveu António Avelãs. E continuo a citá-lo: "Naturalmente, se uma empresa privada procedesse a um despedimento colectivo desta grandeza, o Governo seria incentivado

a intervir em nome das pesadas consequências de tal medida.

Neste caso, portanto, o Governo incentiva e aplaude.

44 725 candidatos a não serem contratados foram colocados a 31 de Agosto (dado do próprio Ministério da Educação). A estas candidaturas não corresponde igual número de professores, já que alguns podem concorrer a mais do que um grupo de docência. Mas mesmo que sejam 2/3 (e a razão é excessiva) o número obtido situa-se perto dos 30 000.

Professores e educadores profissionalizados, na sua esmagadora maioria, isto é, que têm um curso que os habilita para a docência. Mesmo que alguns ainda venham a ser contratados nas próximas semanas, em meios horários (com meios salariais), os números não podem deixar de chocar.

Hã; portanto, professores a mais, como nã; se cansa de clamar a Ministra da Educaã;ã; e, com ela, o engenheiro Sã;crates?

Nã; hã;!

Hã; ã; 40 000 crianã;as e jovens com necessidades educativas especiais que nã; vã; ser apoiadas este ano; houve foi um aumento do horã;rio de trabalho de todos os professores; houve foi o encerramento de 2500 escolas nos ã;ltimos dois anos (e mais 700 anunciadas para este ano); hã; ã; turmas com alunos a mais.

Hã; ã; menos condiã;ões de trabalho dos professores e menos condiã;ões de aprendizagem dos alunos. E hã; nã;-veis de insucesso e de abandono escolar que continuam a colocar-nos no tal sã;-tio a que alguns teimosamente continuam a chamar cauda da Europa. E hã; ainda nã;-veis de analfabetismo elevados e uma baixa qualificaã;ão dos trabalhadores em geral (os economistas chamam-lhes activos).

E com isto poupa-se dinheiro. E sã;. O Governo do engenheiro sã; vã; a reduã;ão do dã;fice. A Ministra ã; uma aluna dedicada. Poupa.

E o paã;-s fica adiado, a desperdiã;ar pessoas que no dia 1 de Setembro formaram filas para o subsã;-dio de desemprego (os que tinham direito, pois atã;- este Governo mexeu, tornando a sua atribuiã;ão mais restritiva) ou a calcorrear os caminhos do novo nome que lhes apuseram: deixaram de ser precã;rios, passaram a desempregados.

E, no entanto, passou-se para as mã;os da iniciativa privada as actividades de enriquecimento curricular das escolas do 1ã; ciclo.

Alguns destes desempregados, irã; cair. ã; uma equaã;ão fã;cil de perceber: o estado dã; o dinheiro, os privados organizam e dã; as actividades, com os tais professores que vã; buscar ao desemprego, agora pagos a tuta e meia, e, claro, a recibos verdes (passaram ã; categoria fiscal de empresã;rios em nome individual). ã; uma verdadeira renda, nunca se perde, sã;o empresã;rios portugueses. A ministra poupa e privatiza.

Nas escolas os professores desesperam, com alunos a mais e com turmas de vã;rios nã;-veis, com menos tempo para prepararem as aulas e um tempo

infundo de burocracias vÃ¡rias que agora entenderem por bem atribuir-lhes.

As famÃ­lias nÃ£o encontram jardins-de-infÃ¢ncia pÃºblicos e creches pÃºblicas ainda sÃ£o uma miragem. E as famÃ­lias pagam nos privados, que o Governo nÃ£o tem dinheiro para mais.

A ministra poupa, privatiza e desvaloriza a escola pÃºblica.

Com os mais de 30000 professores e educadores que agora o â€œricoâ€• MinistÃ©rio da EducaÃ§Ã£o desperdiÃ§ou era possÃ­vel ter uma escola pÃºblica com qualidade e que desse Ã s famÃ­lias o que elas tÃªm direito.